

Reflexão técnica e tática sobre o jogo de ANDEBOL

A espectacularidade de uma modalidade desportiva, avalia-se sem dúvida pela preferência que recolhe da parte dos praticantes e espectadores no que respeita à sua prática e visualização.

A concentração de patrocinadores também se verifica se toda a envolvência anterior for uma realidade.

A promoção será maior e mais forte se todos os agentes intervenientes trabalharem em simultâneo essa espectacularidade.

Mas, a enorme sede de inovação muitas vezes provoca alterações de efeito contrário, que levam a exaustos e que acabam por destruir uma modalidade. Poderia aqui citar o exemplo de uma modalidade que em Portugal é uma referência, mas que tem sofrido no pequeno universo dos seus adeptos, inúmeras alterações que levaram a uma paragem no tempo em termos de desenvolvimento – o Hóquei em Patins.

Veja-se no outro extremo o caso do futebol em que para mudar uma simples alínea de uma regra muitas vezes se discutem 3 ou 4 anos. Poderíamos dizer que o Futebol é quase um desporto perfeito.

Ora são estas alterações regulamentares que no meu entender determinam as alterações e as inovações técnicas e táticas. Os treinadores na busca do equilíbrio procuram inovar, mas têm sempre de ter em conta um conjunto de factores que vão determinar a sua decisão: os jogadores que dirigem, as características dos adversários, a competição onde participam, as condições materiais e logísticas que dispõem.

Na minha opinião o actual jogo de andebol, está quase perfeito, também. No entanto face à evolução da condição física dos praticantes, alterava eventualmente duas situações, não obrigatoriamente em simultâneo: o número de jogadores em campo e a dimensão da área de baliza. Isto é reduzia as equipas a 6 jogadores 5+1 e passava a área de baliza para os 9 metros, mantendo toda a área de jogo inalterável.

Os sistemas defensivos e ofensivos actuais estão totalmente bem identificados e na prática têm bem definidos os seus momentos de utilização. Na realidade talvez em muitos casos avancem para as marcações individuais com muita frequência. Dos sistemas mencionados na proposta de discussão da EHF, não consta o 1:5, situação que com frequência utilizo com a minha equipa enquanto treinador. Cinco jogadores mais pressionantes na frente e um jogador com a responsabilidade de marcar o pivot atacante. Tal como outro qualquer sistema, tem o seu momento de aplicação numa partida.

A intervenção do GR no jogo também pode caminhar por duas vias. Uma mais específica do seu posto, isto é valorizando ainda mais a sua intervenção, daí a proposta de aumentar a área de baliza e outra a sua utilização como mais uma peça no xadrez do ataque. Situação que de certo modo já verificamos em alguns casos, mas claro de sério risco... Aqui poderíamos

introduzir uma alteração em que no caso de uma equipa marcar com o seu GR em situação de jogador atacante, a reposição da bola teria de aguardar a chegada do GR à baliza.

O golo é sem dúvida um factor mobilizador de atenções e entusiasmos. Mas a defesa do GR também é um factor de espectacularidade a ter em conta. Hoje está a ser difícil encontrar GR na iniciação. Logo temos de defender também esta posição. Temos de criar mecanismos que possibilitem mais sucesso.

O facto de reduzirmos o número de jogadores leva a que o contra ataque seja provavelmente também mais privilegiado. Assim como as trajectórias a desenvolver pelos jogadores de campo.

Costumo dizer aos meus atletas que o sucesso do jogo de andebol resulta de um desequilíbrio, surpreendente, criado no mais curto espaço de tempo. Situação que quanto menos convencional for maior possibilidade de êxito tem. Daí que o posto específico no meu entender actualmente só serve para definir atitudes, não modelos rígidos. Todos os jogadores devem passar por todas as posições. Até os esquerditos poderão actuar no lado contrário, certo?

A evolução do jogo tem passado nos últimos tempos muito pela vertente física, talvez agora seja o momento para acertar alguns conceitos tácticos...?????

Carlos Alberto Ferrão Garcia

EHF Lecturer – POR

2011-05-24

Reflection on the technical and tactical game of HANDBALL

The spectacle of a sport, it is evaluated by preference no doubt that collects on the part of athletes and spectators with respect to its practice and visualization.

The concentration of sponsors is also true if all the surroundings former is a reality.

The promotion will be bigger and stronger if all the actors involved at the same time this spectacular work.

But the enormous thirst for innovation often causes changes opposite effect, leading to exaggeration and that end up destroying a sport. Could cite here the example of a sport that is a reference in Portugal, but has suffered in the small universe of their supporters, many changes have led to a stop in time in terms of development - the Roller Hockey.

Look at the other extreme case of football in which a simple point to change a rule is often discussed 3 or 4 years. We might say that Soccer is a sport almost perfect.

Why are these regulatory changes which in my view determine the changes and technical innovations and tactics. The coaches in search of imbalance seeking to innovate, but must always take into account a number of factors that will determine his decision: the players who drive, the characteristics of opponents, the competition where participants, logistical and material conditions they have.

In my opinion the current game of handball, is almost perfect, too. However given the changing physical condition of players, two situations may be altered, not necessarily simultaneously: the number of players on the field and the size of the goal area. This is reduced to six(5 +1) and goal area for 9 meters, keeping the entire playing area unchanged.

The current offensive and defensive systems are fully identified and defined in practice and have their moments of use. In fact in many cases perhaps move towards individual markings often. Of the systems mentioned in the proposed discussion of EHF, not in the 1:5, a situation that often use with my team as a coach. Five players on the most pressing forward and a player with the responsibility of scoring the pivot. Like any other system, has its moment of a game application.

The assistance of GK in the game can also walk in two ways. A more specific to your post, it is further enhancing its intervention, hence the proposed increase in the goal area and another to use as another piece in chess attack. Situation that in some ways already observed in some cases, but of course a serious risk ... Here we introduce an amendment that in case of a team scoring with his situation in GK attacking player, the replacement of the ball would have to await the arrival of GK on goal.

The goal is undoubtedly a factor in mobilizing attention and enthusiasm. But the defense of GK is also a factor to be considered spectacular. Today it is difficult to find GK in initiation. Soon we must also defend this position. We must create mechanisms that enable more successful.

The fact that we reduce the number of players leads to the counter attack is probably the most privileged. As the trajectories to be developed by field players.

I tell my athletes that the success of the game of handball results from an imbalance, amazingly, created in the shortest amount of time. Situation that the less conventional is more likely to have success. Hence the specific post to my mind today only serves to define attitudes, not rigid models. All players must pass through all positions. Even the

lefties could act on the opposite side, right?

The evolution of the game has passed recently by the very physical side, perhaps now is the time to hit some tactical concepts ... ??????

Carlos Alberto Ferrão Garcia

EHF Lecturer

2011-05-24